

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira.

FOLK-LORE PORTUGUEZ

Trovas alemtejanas

Recolhidas no concelho d'Elvas

por

A. THOMAZ PIRES

(Continuado de pag. 68, vol. X)

506

Nem sempre se alcança amor
Tratando bem a mulher,
O pau é não poucas vezes
Receita como se quer.

507

Eu tenho um lindo gatinho
Lindo gatinho maltez,
Quando na cama me deito
Vae-nos elle aquecer os pés.

508

Saudades são vizitas,
Ausencias são tyrannias;
Se eu não goso esses teus olhos
Poucos serão os meus dias.

509

Com pena pego na penna,
Com pena na penna pego,
Com pena de te não ver
Não descanço, nem socêgo.

510

Não me alembra a minha terra,
Nem da hora em que abalei,
Só me alembra pae e mãe,
Meu amor que lá deixei.

511

O' amor paga a quem deves,
Não queiras estar padecendo,
Que a honra de uma donzella
Não se pode estar devendo.

512

Se me amas com firmeza
Faz p'ra comigo fallares,
Que as minhas letras são certas
Eu te as quero declarar.

513

Quando vejo lettra tua
Sinto um pouco allivio ter;
Amar, e não possuir
E' panar até morrer.

514

Não se me dava de morrer
Tendo a salvação segura,
Sabendo que havia ter
Em teu peito a sepultura.

515

Se eu morresse a mal contigo,
Muitas vezes tenho dito,
Nunca havia de esquecer
O teu rosto tão bonito.

516

Eu son da Aparissa,
BALTIZADO em Santarem,
Sou freguez onde ouço missa,
Assisto onde me vae bem.

517

Rapaz do chapeo armado,
Que ainda agora aqui chegou,
Faz favor de me dizer
Quantas moças namorou.

518

Se eu não cumprir o que digo,
Se eu faltar a esta fé,
O chão se abra comigo,
Esteja eu sentado, ou de pé.

519

Rapaz do chapêo armado,
Laços de fita avoando,
Vossê diz que me não quer,

Por que anda namorando.

520

Foi ós touros a Salvaterra,

A's cavahadas a Samora,

Fui a 'ma caçada á Erra

Vim á pesca para Móra.

521

Minha avò quando morreu

Deixou-me em casa dois taxos,

A panella sem toicinho

Duas mantas em pedaços.

(Continúa)



O anno novo entre os arabes

O dia de anno novo é entre os arabes uma das festas mais importantes.

O seu anno começa no momento em que o sol entra debaixo do signo de Aries.

Este momento é calculado por astrónomos praticos, e pagos pelos principaes habitantes de todas as grandes cidades.

Não se conhecem ali os almanachs, e nenhum dos periodos do anno é indicado prèviamente.

Assim, quando o sol passa debaixo do signo de Aries, o observador marca a bora em que este acto acontece.

Se é meia noite ao signal dado vestem-se os habitantes de escuro; se é meio dia, adoptam o carmezim.

O vestuarie è escuro, ou claro, segundo a hora solemne se é mais ou menos adiantada da noite ou do dia.

Esta regra é uniforme para todos, desde o rei até ao ultimo dos seus vassallos.

O rei sòbe ao throno e recebe os votos dos grandes, dos cortezãos

e dos officiaes do palacio, com as seguintes palavras:

«Maroukh naurose.» (Desejo-voes um anno feliz!)

Tal é tambem a formula trocada entre todas as classes da sociedade.

Este dia é todo dedicado a diversões, a presentes mutuos, a visitas e ha gala na córte.

Os presentes são offercidos em pratos de laca, ou em salvas de prata e cobertos com papeis recortados caprichosamente.

O dia do anno novo està dedicado a demonstrações de affecto.

Os irmãos, recebem presentes dos primogenitos, os perceptores dos alumnos, e os senhores presenteiam os seus escravos.

Distribuem-se vestidos aos pobres, dinheiro e comestiveis.

Visitam-se as mulheres das classes elevadas e os «zonabs» disputam as mulheres cantoras.

Quando se sabe que o anno novo vae começar ao meio dia as mulheres apressam-se a cortar uma rosa e a mergulhal-a com as pétalas para baixo, imaginando que ella se voltará no momento em que o sol passa debaixo do signo de Aries.

A origem dos presepios

O costume dos presepios nas festas do Natal deve-se ao grande patriarcha S. Francisco d'Assis.

Eis o facto, que lhe deu origem:

Em 1223, achando-se S. Francisco em Greccio, quiz solemnisar a noite santissima do Natal com uma festa, que nunca tinha sido vista, representando ao vivo o nascimento do divino Redemptor.

Depois de ter obtido licença do Papa escolheu uma gruta, e para ali

outra do Unter den Linden, desde o palacio real até Thiërgarden. Friedrichstrasse é illuminada brilhantemente e a animação ganha os bairros mais aristocraticos, até a official e opulenta Wilhemsstrass.

As ruas regorgitam de povo. Por toda a parte musicas e cantos. As cervejarias fazem negocio gordo; não ha distincção de classes nem hierarchia social e os grupos, sem se conhecer, saúdam-se alegremente com o tradicional «Pros't Neu's Jabar!»

E todo este ruido de festa é dominado pelo clamor religioso dos sinos.

Supertições populares

Quando se vae baldear vinho e elle faz muita espuma, faz-se com a mão aberta uma cruz, tocando na espuma; em seguida faz-se a mesma cruz, sempre com a mão aberta na testa, e depois ainda no vinho. Feito isto pára logo a espuma, sem o vinho perder a força.

Adagios agrícolas do mez de janeiro

Da flor de janeiro ninguém encheu o celloiro.

Em janeiro põe-te no outeiro; se vires a verdejar põe-te a chorar, e se vires terrear, põe-te a cantar.

Janeiro molhado, se não é bom para o pão, não é mau para o gado.

Minguante de janeiro, corta o madeiro.

Quem azeite colhe antes de janeiro, azeite deixa no madeiro.

Em janeiro secca a ovelha suas madeixas no fumeiro e em março no prado e em abril os vae urdir.

Janeiro geoso, fevereiro nevoso,

março molhinoso, abril chuvoso, maio ventoso, fazem o anno formoso.

Vae-te embora, cá fica o meu cordeiro.

Origem dos contos populares europeus

As «Mil e uma noites» serão o prototypo da maioria dos nossos contos populares? Não. Os contos populares europeus são, na sua maior parte, de origem indiana.

As «Mil e uma noites» não são producto da imaginação dos arabes, mas sim uma traducção ou imitação do persa, e os persas receberam da India muitos livros de contos. A substancia das «Mil e uma noites» acha-se, quasi que de chapa, na litteratura indiana. Os contos indianos espalharam-se pela Europa em virtude da propagação budhista e tambem pela traducção;—e esses contos foram recolhidos da tradicção oral da India, e para a India vieram do Egypto.

MARTIN MENDES.

Côbro

É uma molestia de pelle que ataca as crianças, e tambem ás vezes os adultos: provém de bichos peçonhentos que passão por cima de roupa lavada quando está no estendouro, e que depois vestida communica o veneno ao corpo. A «benzedura» é o unico remedio para tal molestia.

Ha outra que provém da lua; se o côbro acommette uma criança quando está «doente da lua,» vai di-reitinha para o céu.

... (Odemira.)